JORNAL: JORNAL DO COMERCIO LOCAL: GUANABARA

DATA: 29 / 8 / 1965 AUTOR: MIRANDA NETTO

TÍTULO:

ASSUNTO: ANALISE "OPINIÃO 65" IVAN E O EXPRESSIONISMO

instituto arte contemporânea

Folhetim do «JORNAL DO COMMERCIO»

142

DOMINGO 29 AGÓSTO 1965

# AS EXPOSIÇÕES DO M. A. M.

Voltemos aos trabalhos do grupo Opinião 65. Domingo passado acentuei o contraste Ivan Serpa — Alain Jacquet, sem explicá-lo. Faço-o agora. Jacquet nos mostra um dos aspectos mais interessantes da chamada "arte moderna", que é um todo composto, com partes tão diferentes que chegará a ser temeridade chamá-lo de "todo". Há um pandemônio na arte contemporânea, mas um sinal comum, que é ânsia de novidade, por vêzes disfarçada em uma espécie de volta ao passado.

Já diziam os latinos, nossos avós, que não há nada nôvo debaixo do Sol. Quase tôdas essas novidades, senão tôdas são transposições, engenhosas algumas, sinceras outras, inconscientes talvez algumas, nas transposições de processos que decorreram através do tempo, continuam e continuarão. Um dêles é o recurso à habilidade, de que o "trompe o l'" representa um dos máximos. Outro o impulso, revés da habilidade, que quase sempre nos dá uma obra de arte aparentada ao que se convencionou chamar de "expressionismo". Escrevo de propósito a palavra "convencionou", porque em arte tudo é, mais ou menos convenção, quando se começa a fazer análise ou crítica. Caímos na "Filatelia" que Sir Ernest Rutherford, Barão de Nelson e Cambridge, opunha à Física, e de que falamos no domingo passado. Mas há alguma coisa que transcende a essa mera classificação, a êsse catálogo de selos que em geral são as denominações das "escolas".

Saiamos dêle e analizemos a oposição Serpa-Jacquet. Jacquet faz obra de habilidade decompondo a figura "Dejeuner sur l'herbe) a partir dos processos de quadrícula dos cl[illegible]

Pura habilidade, tão cara aos maneiristas, de que foi exemplo ilustre o grande Leonardo. Também se comprazia Da Vinci nesses jogos de pura habilidade, como vemos por exemplo, nas pinturas de teto do castelo Sforza em Milão.

No quadro (?) de Jacquet vemos o emprêgo da técnica do cliché, aplicada à pintura. Estamos no domínio da arte gráfica, diríamos quase da reprodução mecânica. O recurso à "habilidade" não é nôvo. Vamos vê-lo em pleno renascimento, com Luca Cambiaso, puro pintor e o que é mais estranho, nos desenhos "científicos", dêsses estupendo jesuita que foi Athanasius Kircher, um dos homens mais estranhos que jamais tenham existido sôbre a terra.

Kircher (1601-1680), muito citado pelo nosso (digamos assim) Manuel Bernardes foi como que um prolongamento do maneirismo, mas já com tôdas as marcas do que estamos hoje vendo na arte e na ciência. Três jesuítas, o alemão Kircher, o italiano Emanuele Tesauro e o espanhol Baltasar Gracian, todos três do início do século XVII, foram grandes mestres no maneirismo, no mistério e na habilidade. Mas já aqui a habilidade se mistura ao sobrenatural ou melhor dito, ao sobre-real. E estamos no outro polo da diada que apresentamos: Serpa-Jacquet. Serpa, em sua fase atual, representa uma explosão violenta — atômica — de expressionismo. "Les extrêmes me touchent" dizia Gide, parafraseando o célebre adágio, os extremos se tocam. Enquanto Alain Jacquet se entrega a puro jôgo de habilidade (tipo característico da arte contemporânea) jôgo que também encantou os renascentistas, Ivan Serpa mergulha fundo no mundo mágico que é o expressionismo. Há quem goste de ligar o conceito de magia ao surrealismo. Creio que no expressionismo êle é mais forte e presente, porque magia não significa a reencarnação do mundo em uma paisagem onírica, senão o desencadeamento das fôrças ocultas, sob as aparências deformadas, mas que mantém a presença do real, onde se escondem. Do Jeckill e mr. Hide é parente próximo da arte de Serpa, mas, se quiséssemos fazer "filatelia" no sentido de Lord Rutherford, certamente os novos quadros do pintor não iriam [illegible] as páginas do álbum de selos do surrealismo, mas ficariam assim em uma espécie de limbo intermediário, entre surrealismo e expressionismo.

Saímos porém dos protestos um pouco antiquados de Opinião 65, altamente heterogênea e bastante mal apresentada, como técnica de exposição, para voltar a Krajcberg e falar sôbre Flávio Shiró Liuba.

As "gravuras" de Krajcberg são relevos. Mas porque limitar-se ao fino traço do buril ou à mordedura linear que o ácido vai fazendo na chapa de cobre protegida pela camada de betume? Uma das características da arte contemporânea é o amor ao gigantismo e à miniatura, em um dos paradoxos do nosso tempo. Artistas há que se comprazem no traço fino e na miniatura, enquanto outros lutam com a matéria, corpo a corpo, titânicamente. Krajcberg a trata com largueza ciclópica e dificilmente poderíamos falar de gravura, escultura ou pintura, nesses aglomerados de fôrça, em côres elementares, em formas elementares, que êle vai buscar diretamente na natureza, diríamos quase que "podando" os exageros e fazendo com que a forma bruta se deforme artisticamente. A arte de Krajcberg é uma arte de "deformação", mais que de "metamorfose". Perdoe-me Cassiano Ricardo o estar roubando a linguagem de sua poderosa poética, mas creio que ela aqui se aplica com tôda a fôrça. Um dos parâmetros do nosso tempo é a deformação e êle viu isso com ôlho de profeta.

A linha de deformação, que já vimos em Serpa, em sentido de magia, em Krajcberg em hipótese com a natureza aparece também em Shiró, mas com um aspecto que me parece inspirado no humor. "Arte agressiva", escreve Gassiot Talabot no catálogo. Mas de uma agressividade que se torna caricatura. Há um certo parentesco entre Shiró e o inglês Allan Davie, que vimos duas vêzes, na última Bienal de São Paulo e aqui no MAM, em uma exposição que também mostrava as esculturas (?) de Paolozzi.

Humor e côr, o oposto de alguns artistas ascéticos, que se comprazem no rigor e na economia da palêta. Bem que precisamos disso em meio à angústia geral.

No terraço do Museu, esculturas de Liuba Wolf. Curiosos pássaros de bronze, pássaros muitos, a que se mistura de quando em vez um peixe ou um dragão. Asa, bico e fauce, altamente anamorfoseados. Curioso é que Liuba Wolf nasceu na Bulgária. Os búlgaros são o que há de mais tradicionalista na Europa. Folclore, mas [illegible] formas bizantinas estilizadas, onde não raro entra o [illegible]ento asiático, ou acadêmico. Tal e qual como na Rús[illegible] que é o único país socialista ao lado a Bulgária onde [illegible]a a arte "moderna" não entrou. Tenho uma idéia fixa, que não posso chamar de teoria porque não tenho meios de prová-la: os países que adotam a escritura cirílica não podem fazer arte moderna no sentido em que a entendemos. São bizantinos, puramente bizantinos e não tem a fôrça de sair da arte caligráfica que também andou entrando pela Itália a dentro, via Ravenna, e teve o seu apogeo no atelier doe Berlinghieri, só sendo vencida por Cavallini e Giotto, Liuba também é uma estilizadora, mas ao revés de seus compatriotas adota a maneira quase ascética, fazendo uma escultura sêca, no melhor sentido da palavra. Talvez fôsse melhor dizer enxuta, porque há nela um sinal de seiva que a artista secou de propósito. Verdade é que foi quase menina para a Suíça, onde existe um centro de arte dos mais significativos. Não conheço a escultora, apesar do gôsto imenso que tenho ao ver os seus trabalhos. Creio que tem sangue israelita, o que explica muito, mas não tudo. A arte judáica é essencialmente trágica e centrada sôbre a Bíblia, ou melhor, sôbre o Antigo Testamento. Veja-se a pequena exposição de artistas de Israel, aberta na galeria I. B. E. U. e da qual falarei no próximo domingo.

Pombos, peixes e dragões são símbolos muito freqüentes nos livros canônicos e tem um papel essencial em Tobias, em Jonas e em muitas outras passagens, mosáicas e não mosaicas.

Uma escultura franca, honesta e sobretudo harmoniosa, que representa um comprimido de librium depois da agitação de Opinião 65. Os caminhos são muito diversos, o resultado também, mas não hesito em afirmar que Liuba é uma filha espiritual de Brancusi.

Miranda Netto

contemporânea